



TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA E A RELAÇÃO COM OBJETOS NAS SESSÕES DE PSICOMOTRICIDADE RELACIONAL

Benjamim, E. R. B; Ferreira, A. C. D; Tavares, S.F.; Costa, H.C.S
Barros, J.F; Coquerel, P.R.S.
Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, Brasil.

Resumo

O Transtorno do Espectro Autista é caracterizado por problemas na interação social, atrasos na linguagem e comunicação, como também gestos repetitivos e estereotipados. Em alguns casos o comprometimento na esfera cognitiva é bem acentuado, o que torna a criança mais dependente dos adultos, ou na falta dele de objetos particulares, específicos. Esses objetos podem representar a proteção entre o indivíduo com TEA e o outro, ou seja, clausuram a relação com o mundo exterior. O objetivo deste trabalho foi verificar a influência do objeto autístico sobre a disponibilidade corporal de uma criança com transtorno do espectro autista nas sessões de Psicomotricidade Relacional. Concluímos que a criança P., embora estivesse no setting da PR, não se disponibilizou corporalmente para o jogo simbólico.

Palavras-chave: Autismo; Objeto Autístico; Psicomotricidade Relacional.

Abstract

Autistic Spectrum Disorder is characterized by problems in social interaction, delays in language and communication, as well as repetitive and stereotyped gestures. In some cases the impairment in the cognitive sphere is very pronounced, which makes the child more dependent on adults, or in the absence of specific, specific objects. These objects can represent the protection between the individual with ASD and the other, that is, they close the relationship with the outside world. The objective of this study was to verify the influence of the autistic object on the physical availability of a child with autism spectrum disorder in the Relational Psychomotricity sessions. We conclude that the child P., although he was in the PR setting, did not make himself available for the symbolic game.

Keywords: Autism; Autistical object; Relational Psychomotricity.

Introdução

O transtorno do espectro autista (TEA) é caracterizado por problemas na interação social, atrasos na linguagem e comunicação, como também gestos repetitivos e estereotipados. Ainda se não descobriu a causa específica, sabe-se até o momento que a origem é multifatorial. (REYNOSO et al, 2017). Em alguns casos o comprometimento na esfera cognitiva é bem acentuado, o que torna a criança mais dependente dos

adultos, ou na falta dele de objetos particulares, específicos. (PIMENTA, 2012).

Esses objetos representam a proteção entre o indivíduo com TEA e o outro. De acordo com Pimenta (2012), os “Objetos Autísticos” (AO) apresentam-se estáticos e bloqueiam novas associações que o indivíduo pode gerar e, pontualmente, o manuseio destes dar-se por movimentações estereotipadas e bem parecidas com as que costumam fazer com o próprio corpo.

As sessões de Psicomotricidade Relacional (PR) permitem a criança interagir com objetos específicos do jogo, com o intuito de produzir, criar, constituir, na relação transferencial (objetos transicionais), o espaço, o corpo, os gestos, as imagens, para que o indivíduo possa começar a ser e diferenciar-se (LEVIN, 1995). Os objetos transicionais usados na PR podem ser bolas, bambolês, cordas, tecidos, caixas de papelão, jornais e bastões. A PR é uma vertente da Psicomotricidade, criada por André Lapierre e Aucouturier, com a finalidade de usar o jogo simbólico como prática para desenvolver novas dimensões desse corpo e suas relações com o objeto, com pares, com os professores de Educação Física e com ele mesmo, permitindo assim ao sujeito fazer descobertas no âmbito psicoafetivo e corporal. (VIEIRA; BATISTA; LAPIERRE, 2005).

Método

Este estudo se caracteriza como descritivo de cunho qualitativo do tipo Estudo de Caso. Foram observadas 3 sessões em grupo de Psicomotricidade Relacional, é composto por uma criança com TEA com idade de 12 anos.

As sessões foram realizadas no Centro de Atenção Psicossocial Infanto-Juvenil – CAPSi, localizado na cidade de Natal/RN uma vez por semana. As sessões aconteceram com um grupo de crianças com idade entre 5 e 12 anos de ambos os sexos. Utilizou-se uma câmera fotográfica Sony W-35 para análise das imagens estáticas. As sessões descritas neste estudo são as dos materiais: Corda, Caixa e materiais combinados (Corda e Caixa).

Resultados e Discussão

Observou-se através das imagens, nesse interim, que a criança P. mostrava-se quase sempre em um estado extremo de ansiedade e apego ao seu OA, especificamente um paninho como podemos verificar na figura 1, 2 e 3. Nas mais diversas situações do jogo

simbólico, dentro do *Setting* da PR, em momento algum P. demonstrou está disponível corporalmente, ou seja, não se permitiu entrar no jogo simbólico, mesmo sendo abordado pelos pares ou professores de Educaçao Fisica no decorrer das 3 sessões.



Figura 1

Os OA surgem no brincar como modo da criança lidar com a separaçao da mãe e amenizar a angústia gerada pelo desaparecimento momentâneo da figura materna. A criança apresenta uma reaçao de tensao, como se parte do seu corpo houvesse sido perdida no momento em que há a falta do objeto autístico. (PIMENTA, 2012).



Figura 2



Figura 3

O OA já foi estudado na clínica e alguns estudos apontam que o mesmo pode limitar o desempenho da criança com TEA, essencialmente na sua interaçao social o que se torna nocivo à criança autista (PIMENTA, 2012). De fato, nas sessões investigadas, P. não estava corporalmente disponível para o jogo no *setting*, ele não entrava no jogo nem ao ser abordado pelos professores nem pelos pares. Como uma necessidade quase vital, P. apertava seu paninho com firmeza, como se o OA fizesse realmente parte dele, ou suprimisse uma falta. É comum às crianças com TEA ter apego a objetos particulares. “Os objetos autísticos funcionam como proteçao contra a perda: não são substitutos” (TUSTIN 1986, p. 122 apud MALEVAL, 2009, p. 226).

Conclusões

Foi possível concluir que a criança P., embora estivesse no *setting* das sessões de PR, não se disponibilizou corporalmente para o jogo simbólico, bem como para na construçao das relações sociais com os pares, com os professores de Educaçao Fisica, nem com os objetos disponibilizados para o jogo simbólico. Considera-se pertinente a significaçao do “Objeto Autístico” uma vez que influenciou negativamente o fazer simbólico dentro do jogo da PR. É interessante que tal comportamento seja melhor investigado, visto que pode estar atrapalhando em outras áreas da vida da criança.

Referências

PIMENTA, P. (2012) O objeto autístico e sua função no tratamento psicanalítico do autismo. Doctoral Thesis, Programa de Pós-Graduaçao em Psicologia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. Disponível em: http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/BUBD-9V5PRZ/tesepaulapimentacompleta_20.03.15.pdf?sequence=1. Acesso: 18 Abr. 2017.

VIEIRA, L. BATISTA, M.I.B. LAPIERRE, A. *Psicomotricidade Relacional: a teoria de uma prática*. Curitiba : Filosofart/Ciar, 2005.

REYNOSO, César; RANGEL, María José; MELGAR, V. Autism spectrum disorder: Etiological, diagnostic and therapeutic aspects. *Revista medica del Instituto Mexicano del Seguro Social*, v. 55, n. 2, p. 214, 2017.

LEVIN, E. *A Clínica Psicomotora: o corpo na linguagem*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

MALEVAL, J. C. Os objetos autísticos complexos são nocivos? *Psicol. rev.*, Belo Horizonte, v. 15, n. 2, pp. 223-254. ago. 2009.

Nota dos autores

Eloyse E. Rocha Braz Benjamim e Sandra são discentes no Programa de Pós graduaçao em Educaçao Fisica da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

Henrique César dos Santos Costa é licenciado em Educaçao Fisica.

Jônatas de França Barros e Patrick Ramon S. Coquerel são docentes da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Ana Charline D. Ferreira é mestre em Educaçao Fisica pelo Programa de Pós graduaçao em Educaçao Fisica da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

Contato

Eloyse E. R. Braz Benjamim

E-mail: eloysebraz@gmail.com

Agradecimentos

Centro de Atençao Psicossocial Infante Juvenil de Natal/RN